

A memória do cinema

DF

Vladimir Carvalho reúne a produção cinematográfica de Brasília em Fundação

Imagine uma instituição com sede própria, espaço físico adequado, com auditórios — para a projeção de filmes raros nacionais e estrangeiros — bibliotecas, salas de leituras e de cursos livres para a formação de espectadores. Imagine a realização de exposições nessa instituição, ciclo de vídeos e debates polêmicos, após a projeção de filmes, com a participação de diretores, atores, críticos e o público em geral. Sonhe mais ainda: essa instituição atende pelo nome de Fundação Cinememória do Distrito Federal, não tem fins lucrativos, edita uma revista sobre cinema e reúne todo o acervo da memória cinematográfica de Brasília.

Agora, caía na real: mesmo sendo considerada patrimônio cultural da humanidade e em véspera de completar 34 anos de existência, Brasília, capital da República, não tem ainda um arquivo da sua memória cinematográfica. Mesmo sediando um pólo oficial de cinema e vídeo e sendo a cidade-residência de cineastas como Geraldo Moraes, Vladimir Carvalho e Pedro Jorge, entre outros. Mas o sonho pode se transformar em realidade: Vladimir Carvalho, diretor, entre outros, do filme *Contrrêneos Velhos de Guerra*, há 18 anos vem trabalhando solitário no projeto de criação da Fundação Cinememória do DF e está escrevendo um livro sobre a filmografia brasiliense.

Cinemateca

— Nascido na Paraíba — terra de poetas como Jorge de Lima e Augusto dos Anjos — Vladimir Carvalho mora em Brasília desde 1970. Professor da Faculdade de Cinema da Universidade de Brasília, vem coletando tudo que lhe chega às mãos sobre o cinema candango e brasileiro em geral. O material foi se avolumando de tal maneira que hoje o cineasta está se mudando do apartamento na Asa Sul para uma casa, onde o sonho da Fundação Cinememória do DF vai ensaiar os primeiros passos em direção à realidade. Será o embrião da futura Cinemateca de Brasília.

“A coisa evoluiu para um ponto irreversível”, explicou ele. “Ou preservamos a memória cinematográfica do DF ou desaparecemos. Em vista da crise econômica que coloca o Governo numa situação de permanente protelação com vistas à produção de cinema no Brasil, ficamos ou ficaram as cinematecas e todos os programas culturais ligados ao cinema em situação de penúria. E, por conta disso, os nossos filmes estão enfrentando um galopante processo de deterioração. No caso de Brasília, este quadro alcança proporções alarmantes”.

O cineasta acrescentou afirmando que tudo que “produzimos no DF em termos de imagem cinematográfica, está ameaçada porque não temos aqui sequer uma sala climatizada onde possamos abrigar nossas cópias e negativos. Não temos recursos para providenciar novas cópias de nossos filmes e os nossos negativos que são suas matrizes estão ameaçados. Não podemos mais guardá-los embaixo da cama. Daí, a idéia de uma fundação, que sirva de arquivo da memória cinematográfica do DF. Com essa fundação, virá uma política cultural capaz de salvar e organizar toda a memória cine-

matográfica ou audiovisual a respeito de Brasília”.

Tempo é inimigo — Vladimir diz que o tempo, no caso específico dos cineastas, é um inimigo implacável. Filmes e negativos que não são adequadamente guardados — salas climatizadas etc — “se evaporam com a ação do tempo. A guarda e a manipulação desse material é delicada, complicada. O arquivo de todos os cineastas que vivem e produzem em Brasília, inclusive o meu, está ameaçado de desaparecer. A imagem some. O filme degenera mesmo, mais rápido do que o papel. Não é por outra coisa que o governo americano, todos os anos, faz novas cópias do filme *E o Vento Levou*, considerado um clássico do cinema universal. Mas isto só ocorre nos EUA”.

Vladimir considera um “absurdo” o fato da não-existência, em Brasília, sequer de uma sala climatizada onde “possamos abrigar nossas cópias e negativos. Tudo o que produzimos em termos de imagem, portanto, todas as peças do cinema brasiliense, estão ameaçadas. Ora, todo cidadão medianamente informado sabe que preservar o realizado é tão importante quanto fazer. Não temos recursos para providenciar novas cópias de nossos filmes e os nossos negativos, que são suas matrizes, estão ameaçados. Eu pessoalmente temo que o meu trabalho, que faço há mais de 30 anos, seja destruído pelo tempo”.

Vladimir assegurou que os cineastas que vivem no eixo Rio de Janeiro-São Paulo não enfrentam esse risco de verem suas obras destruídas pela ação do tempo. Em Curitiba(PR) também existe uma cinemateca. “Por que Brasília, que é a capital do País, não tem ainda a sua cinemateca? Aqui, nós temos o festival de cinema mais im-

portante do País, depois do Festival de Gramado(RS). O que precisamos agora é de uma política para esse setor. Não adianta termos um pólo oficial de cinema e vídeo e não temos como preservar esse material, guardar a sua memória”.

Até na França — Para escapar do fantasma da destruição, Vladimir diz que os cineastas candangos fazem mil e um artifícios. Um deles é espalhar seu material nas cinematecas do Rio de Janeiro e de São Paulo. “Eu por exemplo”, revelou, “tenho material espalhado nessas cinematecas e aqui no Arquivo Público do DF. É um acervo de mais de cem horas de filmes, entre imagens não montadas e cópias de toda a minha produção. Modéstia à parte, nesse acervo existem peças preciosas da própria história de Brasília, como é o caso da imagem não utilizada na montagem do meu filme *Contrrêneos Velhos de Guerra*”.

Vladimir Carvalho também tem material guardado na Cinemateca Francesa, em Paris, no Centro George Pompidou. Para a concretização do projeto Fundação Cinememória do Distrito Federal, ele espera contar com o apoio financeiro de entidades privadas e do próprio Estado. Neste momento, articula a criação de um Conselho Consultivo para a Fundação. “Estamos trabalhando no aspecto jurídico de criação da fundação, para a sua legalização. Já temos estatuto. Só nos falta o essencial: dinheiro. Sonhamos com uma sede própria, com auditórios, biblioteca, salas etc. E não vamos desistir”, concluiu.

Foto: VANDERLEI POZZEMBOM



Vladimir Carvalho: mudando para uma casa maior para guardar equipamentos, filmes e negativos com a produção cinematográfica da cidade